DA ESCOLA INDIGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS PARA A UNIVERSIDADE.

Francisco Reginaldo da Silva Santos [1], Antonia Leila Souza Costa Santos [2], Vera Regina Rodrigues da Silva [3]

RESUMO

O processo histórico de nosso pais e repleto de lutas e disputas por direitos e poderes, podemos perceber isso de uma forma bem clara através das lutas dos movimentos sociais e de povos que passaram por um processo de colonização e escravidão. Assim a presente analise busca mostra de uma bem clara como ao longo do tempo a escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, vem buscando de forma efetiva contribuir para a formação dos jovens indígenas e seu ingressos nas universidades públicas, fazendo com que os mesmo se formem intelectualmente nas diversas áreas do saber e possam contribuir futuramente na luta pelos direito do povo indígena kanindé de Aratuba, pois de acordo com as lideranças indígenas da comunidade este e o caminho para seguirmos essa luta, que a cada dia se torna mais voltada para uma questão de leitura, interpretação e discussão sobre os caminhos que o povo indígena deve trilhar. Neste contexto através de uma análise de dados referente a situação desses alunos pode se perceber o nível educacional que a escola está oferendo de acordo com dados coletados de 2013 quando a escola concluiu sua primeira turma de Ensino Médio até o Ano de 2018. Neste período ao longo de 6 anos 84 alunos concluíram o Ensino Médio na Escola Indígena, dentre este 73 são indígenas e 11 não indígenas. Dos quais 40% destes alunos indígenas ingressaram em universidades públicas.

Palavras-chave:

Povo indígena Kanindé. Formação. Universidades.

[1] UNILAB, PPGA - UFC UNILAB, Discente, e-mail: reginaldokaninde@hotmail.com
[2] Universidade Federal do Ceara, Polo Aracoiaba, Discente, e-mail: lsreginaldols@gmail.com
[3] UNILAB, UNILAB, Docente, e-mail: vera.rodrigues@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

No ano de 1995 na comunidade conhecida como Sitio Fernandes no Município de Aratuba Ceara, Município este situado no maciço de Baturité, emerge a afirmação étnica de mais um povo indígena no estado do Ceara. O povo auto se intitulou Kanindé devido ao chefe kanindé que no século XVII firmou um tratado de paz em 1692, com o rei de Portugal. Neste contexto o povo Kanindé durante várias décadas percorreu vários estados da região nordeste fugindo das grandes secas, assim também fugindo dos grandes fazendeiros e criadores de gados da região.

Assim na década de 1990 com o apoio das outras etnias do estado do Ceara como Tapebas, pitaguarys, Tremenbes e principalmente com o apoio da Associação Missão Tremembé – AMIT deu se início o processo de luta pelo território indígena kanindé conhecido como terra da Gia este utilizados por indígenas da comunidade e pessoas do assentamento alegre. Após muitas lutas e ameaças de morte nossas lideranças conseguiram vencer, porem precisava ir mais longe não era somente se reconhecer como indígenas, tinham vários outros direitos a serem conquistados. A Constituição Federal no parágrafo 1º. de seu artigo 231 define: "São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas [...] e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. " Neste contexto e respaldados pela carta magna a luta é ainda maior, pois não se tratava apenas de ter terra.

No ano de 1996 o cacique Jose Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero) abre ao público o museu indígena kanindé – MK, com um acervo coletado e organizado pelo mesmo a vários anos porem particularmente e sem ser aberto à visitação isto ocorrendo no referido ano, após um projeto no ano de 2011 o museu mudou de local sendo construída uma sede próximo a escola, ocorreu também um processo de organização limpeza marcação e criação de um inventario das peças através de um grupos de alunos da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, Intitulado Núcleo de Estudos e Pesquisa Indígena Kanindé - NEPIK pelo professor Alexandre Gomes no período mestrando em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE em parceria com as lideranças e alguns professores da escola.

No ano de 1999 mais uma etapa marcante, o início do processo de educação escolar indígena do povo kanindé. A luta por mais um direito também previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB Lei 9394/96 que em seu artigo 79º "O Sistema de Ensino da União, [..] , desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências". Com muita precariedade e debaixo de arvores em casas de famílias, foram abertas as primeiras turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, com professor ainda sem uma formação especifica alguns até com o Ensino Médio incompleto e trabalhando voluntariamente, com o passar do tempo percebeu-se que os curumins (alunos indígenas) estavam sofrendo muitos preconceitos nas escolas municipais e as lideranças juntamente com a comunidade abriram a primeira turma de Ensino fundamental I, os professores que não tinham nenhuma habilitação ou formação especifica ingressaram no magistério indígena ofertado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceara- SEDUC. Essa turma se tornou a cabeça da escola e nos anos seguinte foram abrindo novas turmas, no ano de 2004, através de um projeto do Banco Mundial a comunidade indígena Kanindé foi contemplada com a construção de uma escola indígena na aldeia, depois de muitas lutas vários encontros reuniões, etc. Ainda desacreditados os professores e a comunidade seguiram em frete e vendo ao longo dos anos o total de alunos aumentar significativamente e a cada ano a escola se tornar referência a nível municipal e estadual. No ano de 2013 a escola fecha seu ciclo completo com a formação da turma que deu início a todo este processo, uma escola agora com um quadro de professores formados em suas respectivas áreas, um núcleo gestor completo e a única escola no município Credenciada pelo Conselho de Educação, podendo emitir o certificado dos alunos do 9º e da 3ª série do Ensino Médio assim que concluírem, hoje a escola conta com mais de 200 alunos regularmente matriculados no Sistema Integrado para Gestão Educacional -SIGE, e trabalha como desde a sua fundação utilizando tanto os saberes ditos "convencionais" como matemática, português, história, física..., e com a parte diversificada que são disciplinas voltadas para a questão indígena que estão também registradas no SIGE, para as serie inicias, porem para as demais trabalha-se com projetos como o tempo comunidade, projeto este que faz da comunidade um campo de pesquisa. Dessa forma surge vários questionamentos: Onde estão estes alunos que concluíram seus estudos

na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos? Que parcela desses alunos ingressaram na universidade? Como a escola formou estes alunos para atuarem tanto na comunidade como fora dela? Qual o foco principal na formação desses jovens? A respostas a estas questões irão mostra de forma bem clara como funciona a educação escolar indígena na aldeia kanindé de Aratuba tendo em vista que todo este processo não foi tão simples e atualmente também não está sendo em meio a ameaças de morte, reuniões, planejamentos, mobilizações não só a nível local mais também estadual e até mesmo federal em busca desses direito e hoje na atualidade percebe-se que está ficando ainda mais complicado com este processo de colonização avassalador que continua.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como base os dados históricos da Educação Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos Localizada no sitio Fernandes no Município de Aaratuba Ceara tendo como foco principal uma análise de dados e uma pesquisa coletada na escola e na própria comunidade sobre os alunos que concluíram o Ensino Médio na escola indígena tendo como foco principal da pesquisa o ingresso desses alunos no campo Universitário e o retorno desses alunos para a própria comunidade e o movimento indígena como forma de fortalecimento intelectual e cultural em busca dos direitos do povo indígena kanindé e os demais povos indígenas do estado do Ceara e do Brasil. Neste contexto dialogando com se realmente a formação desses alunos os leva a essa visão de mundo, tendo em vista também que a escola não é composta apenas por alunos indígenas e sim recebe também alunos de outras localidades que não são indígenas porem a analise principal deste trabalho é referente a ingresso dos alunos indígenas, pelo fato da própria função social da escola indígena e suas possíveis contribuições futuras dentro das áreas na qual estão se formando.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção de uma escola indígena traz consigo um ferramental de luta, identidade, afirmação étnica e organização social, política e cultural e assim não foi diferente com a escola indígena Manoel Francisco dos Santos, que desde a sua fundação, o objetivo é formar novas lideranças para dá continuidade a este processo de luta e reconhecimento pelos direitos do povo indígena kanindé. O foco principal na formação desses alunos e a luta e a continuidade da identidade do povo kanindé tendo em vista que os mecanismos de luta estão sendo modificados a cada dia e cada vez ficando mais difícil adentra em alguns espaço, estes alunos ao longo de toda a sua formação escolar tiveram e tem a escola como centro principal de apoio tendo a comunidade como campo de estudo e pesquisa, pois foram formados para este fim assim também como para a vida fora da aldeia, pois não se pode ter controle sobre esta situação, ao longo desse período de 6 anos onde 6 turmas concluíram o Ensino médio agora pode se fazer esta analise temporal, analisando e percebendo como um projeto educacional pode estar contribuindo e dando resultados positivos em vários aspectos podendo se perceber onde a comunidade e a escola podem melhorar e buscar novas estratégias de formação, percebendo se que os frutos estão brotando apesar de ser um processo lento e gradativo ligado a vários desafios e preconceito que até hoje estão presentes dentro e fora da escola assim também como na sociedade em geral. "[...]os seres humanos em todos os lugares são dotados das mesmas qualidades e defeitos sem distinção baseada na cor ou na forma anatômica. As raças são iguais; todos eles são capazes de elevar-se às mais nobres virtudes, de alcançar o mais alto desenvolvimento intelectual[...]" (Firmin, 2000: 450): Percebemos dessa forma que não e porque somos indígenas que não podemos nos desenvolver intelectualmente, pois a visão do colonizador é e sempre etnocêntrica.

CONCLUSÕES

Os resultados dos dados coletados mostram que ao logo dos anos apesar da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos ser um instituição de Ensino ainda muito nova com apenas 19 anos, os resultados se mostram inicialmente positivos e a busca pelo objetivo que se refere a construção e as finalidades da escola, estão sendo bem trabalhadas favorecendo assim o aprendizado e a caminhada do povo indígena kanindé em busca de seus direitos por terra saúde e educação assim formando cidadãos indígenas em meio a uma sociedade repleta de preconceitos. Estamos com 40% dos indígenas que saíram da escola indígena dentro das universidades se formando em, História, geografia, matemática, português, hotelaria, gastronomia, agronomia entre outros, e isso e um orgulho para uma comunidade indígena que sobrevive somente da agricultura de subsistência

AGRADECIMENTOS

Primeiro a pai tupã, a toda equipe que faz a escola indígena Manoel Francisco dos Santos a todas as lideranças indígenas do povo kanindé, e em especial a minha família.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

FIRMIN, Anténor 1885 De l’égalité des races humaines. Paris, Cotillon. 2000 The Equality of the Human Races. Transl. by Charles Asselin, introd. by Carolyn FluehrLobban. New York, Garland Press.